

OS IMPACTOS DA PANDEMIA POR COVID-19 NA EDUCAÇÃO, NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA HUMANA

THE IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON EDUCATION, IN THE CONTEXT OF HUMAN GEOGRAPHY

Tailane da Silva Ferreira¹

RESUMO: O texto apresenta uma reflexão sobre o impacto da pandemia por covid-19 na educação, abordando a modificação no funcionamento da cidade, discutindo sobre as novas formas de trabalho e o abalo na dinâmica da escola, no cenário de ensino remoto, refletindo sobre as questões estruturais desse processo, no contexto da Geografia humana.

Palavras -chave: Covid-19. Geografia humana. Educação.

ABSTRACT: The text presents a reflection on the impact of the covid-19 pandemic on education, addressing the change in the functioning of the city, discussing the new ways of working and the impact on the dynamics of the school, in the scenario of remote education, reflecting on the issues of this process, in the context of Human-Geography.

Keywords: Covid-19. Human geography. Education.

RESUMEN: El texto presenta una reflexión sobre el impacto de la pandemia covid-19 en la educación, abordando el cambio en el funcionamiento de la ciudad, discutiendo las nuevas formas de trabajo y los impactos en la dinámica de la escuela, en el escenario de la remota educación, reflexionando sobre los problemas de este proceso, en el contexto de la Geografía Humana.

Palabras clave: Covid-19. Geografía humana. Educación.

INTRODUÇÃO

Segundo Cosgrove, a geografia vai muito além do espaço natural, físico e científico. O autor traz a ideia de que é necessário um olhar para o nosso redor, uma geografia que não seja direcionada apenas para o empírico e sim articulada nas relações

¹ Graduada em Pedagogia Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-graduação em Gestão, administração, orientação e supervisão escolar. Acadêmica em Geografia, licenciatura. Universidade Federal Fluminense. 7º período.

cotidianas como objeto de estudo e sua importância na paisagem humana, para além de uma ciência social e sim uma ciência humanística. " Os múltiplos significados das paisagens simbólicas, aguardam decodificação geográfica" (1998, p. 229) sendo assim, compreende-se que ao decodificar essas paisagens, proporcionará um conhecimento do mundo diário e a reflexão do nosso papel enquanto sujeitos inseridos em tais variedades de paisagens, possibilitando uma investigação geográfica verdadeiramente humana. O autor destaca que a paisagem nunca é uniforme e absoluta, a partir do momento em que estamos inseridos em um período atual, onde perpetua grupos sociais com poderes desiguais, para atribuir-se a uma paisagem formada de acordo com padrões estipulados, e salienta que a geografia está em toda parte. Para Cosgrove (1987) a paisagem deve ser compreendida como "um modo de ver" relacionado com todas as transformações por quais passou e passa a sociedade. Nesse sentido as reflexões abordadas neste artigo, visa abordar as paisagens que estamos vivenciando atualmente, com objetivo de analisarmos tais diversidades, pautando-se na geografia humanística, e nas observações do nosso meio.

Pode-se dizer que uma das palavras tenebrosas do ano de 2020, é a palavra aglomeração, que diante de um quadro emergente, de medidas protetivas contra o vírus da covid-19, a população se viu frente a grandes mudanças e readaptações no seu estilo de vida. Uma dessas readaptações, trata-se da modificação drástica no sistema educacional no qual o conhecemos hoje, assunto que iremos refletir neste artigo. No entanto, antes de abordar tais mudanças, e medidas emergenciais tomadas ou não, nos desencaixes e dicotomias da educação na sociedade, iniciaremos com uma breve abordagem sobre um dos primeiros impactos da pandemia na sociedade, que é o funcionamento da cidade.

Antes do termo aglomeração se tornar popular no momento atual, e consequentemente temida e evitada, na área econômica, a aglomeração se faz presente há algum tempo, desde de 1890 inaugurada por Marshall, quando explica sobre "As vantagens de se concentrar firmas e trabalhadores de uma atividade econômica numa mesma área geográfica". Partindo do pressuposto que se grandes empresas concentram suas atividades econômicas em determinada região, a economia impacta positivamente na possibilidade de crescimento e inovação, além de facilitar o fornecimento de matéria-prima e obtenção de vantagens referente a sua cadeia produtiva, tendo em vista a aproximação de diferentes setores industriais, seguindo a linha da economia de escala com a maximização dos fatores produtivos por meio da especialização do trabalho e

consequentemente baixos salários. Torna-se importante ressaltar que concentração de indústrias e atividades econômicas em uma determinada região, gera concentração urbana. Concentração urbana gera deslocamento, movimento pendular, mobilidade urbana, além da supervalorização da área concentrada, resultando em grandes problemas de poluição, sonora, visual, trânsito caótico e aumento da desigualdade social.

Segundo Scott,

Os efeitos da globalização são considerados como de fundamental importância na gênese e geografia do ressurgimento urbano. Três dilemas políticos das cidades ressurgentes são destacados: sua fragmentação institucional interna; o fortalecimento de sua condição de agentes econômicos em escala global e a importância concomitante das formas coletivas de construção de vantagens competitivas localizadas; e a intensificação de sua desintegração e segmentação sociais.” (2014, p. 12)

Contudo, um vírus desconhecido, sem perspectivas de ações objetivas, regulamentadoras e eficientes, mergulhado nas incertezas de estabilidade, implicou notoriamente na desqualificação da funcionalidade da cidade, quanto a sua atividade econômica dominante, e sobretudo, evidenciou os fatores sociais e políticos, regentes, abalando o mercado global e interferindo nas atividades econômicas do mundo todo.

Segundo Jacobs (2014) “ Ao invés da fragmentação do processo de trabalho, com especialização das atividades humanas, seja numa empresa, seja numa indústria... a divisão do trabalho que realmente levaria ao desenvolvimento econômico seria o surgimento de novas atividades” As grandes empresas, tiveram que deixar de se concentrar em uma determinada área e passar a se concentrar cada qual no seu espaço, tendo que admitir a fragilidade do lucro concentrado, consumo excessivo e a falta de responsabilidade social, o deslocamento da população se restringiu ao isolamento, e posteriormente explicitou que o isolamento não era para todos. A população deixou de consumir e o comércio deixou de vender. Entretanto, ao decorrer dos meses em pandemia, evidenciou-se externalidades positivas como os valores comunitários e a tomada da reflexão sobre a deseconomia de aglomeração, como a redução do deslocamento, desafogamento do trânsito e a valorização das empresas de bairro, mesmo que diante de todos os efeitos e falta de perspectivas ao longo do tempo, essas externalidades positivas não puderam se manter em uma constante, por diversos fatores, inclusive a desigualdade social, que bateu gritando em nossa porta, além de mudanças drásticas nas formas de trabalho.

NOVAS FORMAS DE TRABALHO; DO HOME OFFICE À ECONOMIA DO LAR

Inevitavelmente a população, necessitou adaptar-se a novas formas de relações sociais, de produção, de consumo, e outros comportamentos em geral, relacionados ao isolamento social. Uma dessas mudanças foram as novas formas de relação com o trabalho. Se o empregado não poderia chegar ao seu local de trabalho, o trabalho de alguma forma teria que chegar até o empregado. Nesse sentido, empresas adotaram o sistema de Home Office, como "O exercício de atividades profissionais, seja autônomo ou para uma empresa, realizado na casa de um trabalhador" (Rafaiski e Andrade 2013) uma opção pouco convencional antes da pandemia, embora já tenha sido adotado por alguns países, antes de ser visto com uma solução emergencial em situação de isolamento e com isso as empresas viram na prática a redução de custos e a possibilidade do trabalho remoto ser vinculado ao novo funcionamento da cidade no mundo pós-pandemia.

Por outro lado, foi crescente o número de trabalhadores que perderam seus empregos, acrescentados aos milhões de desempregados, que tiveram que se reinventar, ou se aventurar em novas formas de trabalho a título de sobrevivência.

Diante da situação de crise, empresas viram no serviço informal, grande possibilidade de manter o seu capital girando, visando a redução de custos e as despesas com " burocracia" trabalhista. Nesse sentido, não demorou muito para que o trabalho informal se tornasse a melhor opção de rentabilidade para os grandes empresários. Embora a modalidade de trabalho Freelancer sempre existir, na atual conjuntura o capital fez com que virasse "opção de carreira" onde a cada dia alavanca o número das plataformas de serviços autônomos, como os serviços de delivery por exemplo, que se tornou a nova fábrica da era da revolução industrial. Trabalhadores que em meio ao isolamento social, se viram expostos, diante dos riscos do vírus, aos riscos da fome. Situações de milhares de brasileiros que tiveram que desenvolver a economia do lar para sobreviver em meio a tanto caos globalizado.

Com as novas formas de trabalho, surgem também outras questões, em relação a necessidade de adaptação a tanta mudança repentina, na qual a sociedade foi imposta. Como problemas psicológicos e multifuncionalidade, inclusive nos casos de mulheres, que tiveram que dar conta de jornada dupla, decorrente do vínculo empregatício e o trabalho doméstico em que historicamente, o trabalho doméstico sempre foi vinculado à figura

feminina. Nesse sentido, essa questão cultural enraizada, faz com que as tarefas de casa, não venha ser divididas de forma igualitária, fazendo com que não haja equidade de gênero no âmbito trabalhista.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente a 2018, mostram que as mulheres dedicam 21,3 horas semanais às tarefas domésticas, enquanto os homens destinam apenas 10,9 horas. Quase o dobro do tempo.

Aliar o home office, com o trabalho doméstico, vem sendo a maior dificuldade entre as mulheres. Conseguir conciliar o cuidado com a casa, com os filhos, com o marido, idosos, animais acarreta uma carga mental muito grande tendo em vista o acúmulo da jornada de trabalho remunerada e não remunerada da mulher.

Segundo Soares, os afazeres do lar são fortemente marcados pela desigualdade no tocante à sua divisão, o que contribui para a manutenção da assimetria entre homens e mulheres. Lamentável é saber que a energia e o tempo que este tipo de atividade demanda não é reconhecida como trabalho muito embora garantam a reprodução social. Dessa forma, pode-se afirmar que as atividades da esfera doméstica dão suporte para as atividades na esfera pública (PORTO, 2008, p. 297) Mediante a jornada dupla, a falta de apoio nas tarefas domésticas no período de isolamento social, a pressão do trabalho, a necessidade de se mostrar produtiva, o sentimento de vigilância e "invasão domiciliar" o medo, a incerteza, a insegurança, fez com que muitas mulheres se vissem a "flor da pele", tendo que dar conta de Múltiplas tarefas, afetando o seu bem-estar psicológico.

Nos últimos anos, diversas pesquisas apontaram manifestações de doenças psicológicas associadas à atividade laboral, o estresse junto ao excesso de trabalho, o desenvolvimento da ansiedade, falta de ânimo e em alguns casos quadro de depressão profunda, exemplifica, algumas causas inerentes a sobrecarga de trabalho e a busca incessante por realização profissional na sociedade em geral e com a pandemia, essa situação só se agravou.

O quadro de instabilidade e a incerteza do amanhã, fez com que o isolamento social interferisse fortemente no emocional da população. Segundo o imunologista Wilson Savino, " É urgente realizar esforços para compreender a fisiopatologia da Covid-19, incluindo a infecção do sistema nervoso central e o risco de comprometimento da saúde mental, assim como os efeitos da pandemia em indivíduos saudáveis impactados pela

situação de distanciamento social. Se nada for feito, provavelmente enfrentaremos uma nova 'pandemia' no futuro, relacionada à saúde mental".

PANDEMIA E O IMPACTO NA EDUCAÇÃO

A pandemia por Covid-19, impactou drasticamente o cenário educacional no qual o conhecemos hoje, ou melhor, no qual o conhecíamos, pois, a pandemia fez com que o processo educacional, viesse a enfrentar grandes desafios sem planejamento prévio, em um campo não totalmente desconhecido, porém evitado aos longos dos anos.

Com o número de infectados avançando no mundo todo e os primeiros casos no Brasil, a população se viu inserida em um cenário de incertezas, tendo que se adaptar a rupturas rigorosas no seu modo de se relacionar com as pessoas e suas atividades cotidianas, tais rupturas que atingiram e modificaram toda uma sociedade, e impactou fortemente a educação, na qual iremos analisar e refletir neste artigo o contexto da educação na pandemia, no recorte da educação no estado do Rio de Janeiro.

No primeiro trimestre de 2020, o então governador do estado naquele momento Wilson Witzel decretou a suspensão das aulas em todo o Estado do Rio de Janeiro, tanto na rede pública quanto na rede privada. A medida assinada, tinha validade de quinze dias em escolas e universidades do estado com o objetivo de prevenir a contaminação por covid-19. No entanto com o aumento de casos se disseminando rapidamente ao longo do país, diversos estados adotaram medidas de suspensão das aulas, fazendo com que segundo dados da UNESCO, 81,9% dos alunos da educação básica, deixassem de frequentar as escolas, um número expressivo no que compete cerca de 39 milhões de alunos fora da instituição de ensino.

Com os casos avançando o período de quinze dias, determinado pelo decreto foi tornando-se cada vez mais, um período indeterminado diante do agravamento dos casos e o alto risco de contaminação, fazendo com que a população ficasse em isolamento social, afastados do seu espaço físico de trabalho e sua rotina cotidiana, como já abordado neste artigo.

Diante dessa situação, medidas precisavam ser adotadas para que os alunos pudessem se adaptar a um " novo normal" visto que o cenário de imprevisibilidade e instabilidade estava se tornando uma constância.

Eis que o ensino necessitava de novos parâmetros e estímulos com ações frente à pandemia. Nesse sentido, o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu diretrizes para orientar as escolas de educação básica e as instituições de ensino superior durante a pandemia, com o objetivo de orientar práticas que devem ser adotadas pelos estados e municípios, propondo normas gerais, para diminuir o impacto da pandemia no ensino. Dentre as medidas propostas pelo CNE, para o ensino a distância estão:

- a) Pensar formas de replanejar o calendário escolar de 2020.
- b) Meios de contabilizar as aulas e as atividades a distância como horas letivas.
- c) Formas de reposição parcial ou integral de horas letivas com o retorno das aulas presenciais.

Nesse cenário o que se configura, no âmbito educacional, é a urgência de fazer funcionar as escolas. Com as novas diretrizes do CNE, o senado aprovou a medida provisória, sancionando a lei Nº 14.040, DE 18 DE AGOSTO DE 2020 que suspende o mínimo de 200 dias letivos previstos na lei de diretrizes e bases da educação (LDB) e mantém a carga horária de 800 horas, com exceção da educação infantil. Nesse sentido as atividades não presenciais, serão aceitas como parte da carga horária mínima, tendo como alternativa o ensino remoto, modalidade em ensino a distância (EAD) que atingiu emergencialmente todos os níveis de educação.

Com a necessidade do cumprimento da carga horária mantida, mediante a lei já mencionada neste artigo, o ensino remoto transformou-se em uma realidade de muitas instituições, partindo desse pressuposto, é importante analisar as circunstâncias desse abalo na dinâmica educacional e o impacto causado na vida dos docentes, discentes, gestores educacionais e toda a comunidade escolar. As práticas de atividades em um ambiente novo, exigiu que os professores tivessem que se reinventar a cada dia, e se aventurar em um campo emergente na construção do imprevisto, sem instrumentos normativos claros e infraestrutura insuficiente. Fazendo com que de um dia para outro, o cômodo comum de sua residência, viesse a se tornar um cômodo coletivo dividido com seus alunos, aparatos tecnológicos e possíveis cenários de práticas educativas, desenvolvidas em um contexto de pressão e ensino aprendizagem conteudista. Além da adaptação ao ensino remoto, o docente precisou se familiarizar com a tecnologia e a demanda do trabalho aumentou, tendo em vista a falta de recursos e de apoio da gestão

educacional. De acordo com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) 9 entre 10 professores da rede pública não tinham nenhuma experiência em ministrar aulas no modo não presencial e cerca de 42% não receberam nenhum tipo de formação para o uso de tecnologias.

A adesão ao ensino on-line evidenciou diversas questões a serem refletidas e implementadas em um mundo pós-pandemia. Uma dessas questões é a desigualdade educacional que o sistema de ensino a distância vem promovendo, muitos alunos sequer têm acesso a internet e aparatos tecnológicos, além da falta de condições sociais e estruturais para dar conta do estudo. Por um lado temos a rede pública, com alunos de diversos contextos sociais, que enfrentam inúmeros desafios para conseguir se adaptar ao novo contexto escolar e alunos que não tiveram acesso a nenhuma medida efetivamente adotada para que o ensino remoto fosse inclusivo e do outro lado a rede particular, com um grupo mais homogêneo e com maior probabilidade de acesso a internet, no entanto inseridos no processo de ensino, pautado no domínio de conteúdos e reprodução de atividades escolares, além do excessivo controle da demanda de produção da aprendizagem, gerando um nível de estresse para toda a comunidade envolvida nesse processo, docentes pressionados, discentes pressionados, familiares não dando conta de toda essa rotina, além dos afazeres domésticos e do home office, e todas outras questões e realidades que gritam a nossa porta, como a precariedade e falta de suporte, o medo e coesão do inesperado, a instância intermediária entre a base familiar e a função da escola, que no atual contexto já não permite promover a formação cidadã do ponto de vista ético e político, diante de tantos desafios que a escola enfrenta neste momento, acirrando as desigualdades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar, que o que fora apresentado até o presente momento, não provém de um conhecimento profundo e especializado, tampouco métodos revolucionários, e sim uma " geografia efetivamente humana, crítica e relevante[...] que encontra-se em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós" (Cosgrove, 1996 p. 236) O que foi analisado deve ser visto como um olhar contemporâneo para repensar a função da escola, na qual se presenciou muito nos últimos noticiários, não tratar-se de um serviço essencial nas decisões tomadas pelos governantes do que deveria ser liberado ou

não para a circulação de pessoas, pensar o conceito de paisagem dentro das relações humanas com o espaço e o meio em que estão inseridos, levando em consideração os diferentes grupos sociais desiguais e os inúmeros contextos postos em um mundo em constante mudança.

Segundo Claval (2009) esta nova perspectiva “propõe uma visão original da diversidade da Terra, portanto da abordagem regional, porque esta é a maneira pela qual as pessoas recortam e vivem a Terra que está no centro da pesquisa, e não aquela que os geógrafos elaboram; isto implica que se leve em consideração o papel do corpo e dos sentidos na experiência humana, os recortes da realidade física e social pelas pessoas, a riqueza da imaginação que dá sentido às geografias as mais diversas – a experiência do espaço, e que se explore a maneira pela qual se constituem as identidades e os territórios”.

No período que estamos vivenciando, não cabe formular conceitos, nas circunstâncias do inesperado e medidas tomadas de forma emergentes, os resultados desta análise, estão longe de se pautar em um artigo engessado, visto que estamos enfrentando um universo do desconhecido, em que tudo encontra-se fora de controle e ao mesmo tempo abrindo um caminho de possibilidades, com uma revolução histórica na paisagem da nossa sociedade e inúmeros desafios de repensar o sistema educacional, em contextos abrangentes e fora da zona de conforto pré existente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da educação lei número 14.040 de 18 de agosto de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14040.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020. diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus. O em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoesprojetos-637152388/8905aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural na geografia.” Mercator, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan. 2009.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, 1996.

MIDIA CNTE. Ensino a distância não substitui reposição de aulas. *CNTE*. 2020, disponível em: [//www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/cnte-na-midia/73309-para-82-dos-professores-ensino-a-distancia-nao-substitui-reposicao-de-aulas](http://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/cnte-na-midia/73309-para-82-dos-professores-ensino-a-distancia-nao-substitui-reposicao-de-aulas).

IBGE (2018). Banco de Dados Agregado.

MARSHALL, Alfred. (1890). *Princípios de Economia*. São Paulo: Nova Cultura, 1982 (Coleção. Os Economistas).

MENEZES Maria. Os Impactos da Covid-19 na saúde mental. FiOCRUZ, 2020. disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/artigo-analisa-os-impactos-da-covid-19-na-saude-mental>

PORTO, D. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. *Revista Bioética*.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? *Revista Docência e Cibercultura*, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>> Acesso: jun. 2020.

SCOTT, A. J. (2014). MetrÓpole ressurgente: economia, sociedade e urbanização em um mundo interconectado. *Geographia*. Niterói, v. XVI, n. 14, pp. 8-37. JACOBS, J. (1961) *Morte e vida de grandes cidades*.

TINOCO, A. D. C. “Integração ou fragmentação: o impasse gerado pelo fetichismo da desconcentração.” *Espaço & Debates*, 41, 46-65, 2001b.

SOARES, C. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família.

SOUZA, E. P. de. (2020). Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Cadernos De Ciências Sociais Aplicadas*, 17(30), p. 110-118. <https://doi.org/10.22481/ccsa.v17i30.7127>. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”, realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG) em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). disponível em: <https://cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/73263-pesquisa-com-mais-de-15-mil-professores-da-rede-publica-aponta-as-condicoes-de-trabalho-para-desenvolvimento-de-aulas-remotas-durante-a-pandemia>

<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>